

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE TURISMO**

**PRAÇA DA SAUDADE: ESTUDO DO POTENCIAL TURÍSTICO DE UM MARCO
HISTÓRICO DE MANAUS/AM**

MANAUS

2019

ANDREZA SILVA PACHECO

**PRAÇA DA SAUDADE: ESTUDO DO POTENCIAL TURÍSTICO DE UM MARCO
HISTÓRICO DE MANAUS/AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Turismo, da Escola Superior de Artes e Turismo como requisito para obtenção do título de Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Dra. Selma Paula Maciel Batista

MANAUS

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais pelo incentivo aos estudos e ao pensamento crítico. Aos meus amigos Anderson, Jéssica, Larissa e Fernanda por dividir o cotidiano da vida acadêmica e a toda população manauara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por me apoiarem em minhas decisões e me concederem tempo, investimento e incentivo para colocar os estudos sempre em primeiro lugar.

Agradeço a todos os amigos que a universidade me trouxe e que, de alguma forma, me ajudaram a persistir dentro da vida acadêmica mesmo nos momentos difíceis. Agradeço a Anderson e Jéssica pelo encorajamento no cotidiano acadêmico e a Larissa e Fernanda pelo incentivo especificamente no âmbito da pesquisa.

Agradeço imensamente a todo o corpo docente da Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) pelos ensinamentos acadêmicos e não acadêmicos que certamente serão aplicados na vivência profissional. Em especial, gostaria de agradecer à minha orientadora Prof.^a Dr^a Selma Paula Maciel Batista pela paciência e engajamento desde a iniciação científica até a construção desta monografia. Agradeço também pela motivação e por sempre acreditar no meu potencial, que muitas vezes foi subestimado por mim mesma.

Por fim, gostaria de agradecer a todo corpo de técnicos e membros da administração da ESAT e de outras unidades da UEA por sempre se mostrarem receptivos e dispor das melhores condições para que o cotidiano acadêmico ocorresse com qualidade.

A todos e todas, meus estimados agradecimentos.

“O destino é aquilo que sai de você e enfrenta o mundo”.

Curta-metragem “Alice” (2005)

RESUMO

Este estudo com base na teoria do espaço turístico de Boullón (2002) com uso das categorias de análise ponto focal e área de influência visual, com contribuição de Duarte (2007) acerca do planejamento urbanístico, se aplica à Praça 5 de Setembro (popularmente conhecida como Praça da Saudade) localizada no bairro Centro, em Manaus. De relevância por seu histórico e acervo, em 2010 a Praça foi revitalizada, mas, devido ausência de ações efetivas para o seu uso potencial, não cumpre com sua função social, e abandonada, compromete o seu valor enquanto patrimônio. Contemplando o objetivo geral, a pesquisa apresenta uma análise das condições do ambiente, em seu entorno imediato. Quanto aos objetivos específicos: i) apresenta os referencias teóricos que fundamentam a análise diagnóstica; ii) discorre sobre o histórico e características da Praça 5 de Setembro; iii) apresenta uma proposta de integração da Praça 5 de Setembro, às Praças do Congresso e Praça São Sebastião. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa aplicada, qualitativa, de abordagem indutiva; método bibliográfico e estruturalista, com técnica de observação direta semi-estruturada com uso da matriz de análise macroambiental SWOT, analisou-se as fraquezas e oportunidades no quadrante da Praça 5 de Setembro. Como resultado, com base no levantamento, a pesquisa apresenta os pontos fracos e fortes da Praça 5 de Setembro, e, indica seu potencial no contexto de formação de um espaço de domínio turístico. Para tanto, faz-se necessário: i) valorizar seu potencial histórico e cultural; ii) recuperar seus equipamentos e acervo; iii) realizar a manutenção e fiscalização periódica no local; e, então iv) inseri-la em um Roteiro Turístico com as Praças do Congresso e Praça São Sebastião, permitindo à população, novamente, usufruir do espaço público de lazer e, potencial turístico, de relevância identitária e afetiva da sociedade manauara.

Palavras-chave: Espaço Turístico; Planejamento Turístico; Praça 5 de Setembro.

ABSTRACT

This study based on the tourism space theory of Boullón (2002) using the categories of focal point analysis and area of visual influence, with Duarte's contribution (2007) on urban planning, applies to 5 de Setembro Square (popularly known such as Saudade Square) located in the Centro neighborhood, in Manaus. Of relevance for its history and collection, in 2010 the square was revitalized, but due to the absence of effective actions for its potential use, it does not fulfill its social function, and abandoned, it compromises its value as patrimony. Contemplating the general objective, the research presents an analysis of the conditions of the environment in its immediate surroundings. Regarding the specific objectives: i) presents the theoretical references that support the diagnostic analysis; ii) discusses the history and characteristics of 5 de Setembro Square; iii) presents a proposal for the integration of 5 de Setembro Square, the Congresso Square and São Sebastião Square. As for the methodology, it is an applied research, qualitative, of inductive approach; a semi-structured direct observation technique using the SWOT macro-environmental analysis matrix, analyzed the weaknesses and opportunities in the 5 de Setembro Square. As a result, based on the survey, the survey presents the weaknesses and strengths of Praça 5 de Setembro, and indicates its potential in the context of the formation of a tourist domain space. To do so, it is necessary: i) to value its historical and cultural potential; ii) recover its equipment and collection; iii) carry out regular maintenance and inspection on the spot; and then (iv) insert it into a Touristic Route with the São Sebastião Square and Congresso Square, allowing the population to enjoy the public space of leisure and tourism potential of identity and affective relevance of the Manauara society.

Keywords: Tourist Space; Tourist Planning; 5 de Setembro Square

LISTA DE SIGLAS

ESMAM - Escola Superior de Magistratura do Amazonas

IEA - Instituto de Educação do Amazonas

SEC - Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas

SEMULSP - Secretaria Municipal de Limpeza Pública

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 – Zona de Expansão Urbana e Zona Urbana
- Figura 02 – Manaus: Mancha Urbana – Ano 1987 - 2001
- Figura 03 – Praça da Saudade
- Figura 04 – Praça do Congresso
- Figura 05 – Praça São Sebastião
- Figura 06 – Quadrante da Praça da Saudade formado pelas ruas Rua Ferreira Pena (1), Rua Simão Bolívar (2), Avenida Epaminondas (3) e Rua Ramos Ferreira (4)
- Figura 07 – Comércio informal na Rua Ferreira Pena
- Figura 08 – Calçamento irregular na Praça da Saudade
- Figura 09 – Moradores de Rua na Praça da Saudade
- Figura 10 – Palacete Mourisco localizado na esquina das ruas Simão Bolívar e Ferreira Pena
- Figura 11 – Bares e residências lado a lado na Rua Simão Bolívar
- Figura 12 – Bares lado a lado na Rua Simão Bolívar
- Figura 13 – Comércio informal na Rua Simão Bolívar
- Figura 14 – Cabine telefônica pichada
- Figura 15 – Posto policial vazio na Rua Simão Bolívar
- Figura 16 – Via de escoamento irregular do quiosque da Rua Simão Bolívar
- Figura 17 – Elementos da paisagem demonstram complexidade no uso do espaço público
- Figura 18 – Falta de manutenção em árvore na Avenida Epaminondas
- Figura 19 – Iluminação especial utilizada como lixeira
- Figura 20 – Pichação “Na compra de uma cerveja, o tiro é grátis” em um pilar na Avenida Epaminondas
- Figura 21 – Pergolado com falhas na cobertura na Rua Ramos Ferreira
- Figura 22 – Placa de trânsito tampada com saco plástico
- Figura 23 – Quiosque abandonado e deteriorado na Rua Ramos Ferreira
- Figura 24 – Detalhe da deterioração de quiosque
- Figura 25 – Sinalização de ciclovia apagada
- Figura 26 – Quiosque funcionando de forma regular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 MANAUS: A CIDADE URBANA NO MEIO DA FLORESTA	13
1.1 Características históricas de Manaus	13
1.2 O conceito de cidade: características	16
1.3 O conceito de urbano: características	19
2 A TEORIA DO ESPAÇO TURÍSTICO URBANO	22
2.1 A Área de Influência Visual e os Pontos Focais	24
2.2 A praça como um ponto focal	27
3 METODOLOGIA APLICADA	29
3.1 Processos metodológicos teóricos e práticos	29
4 A PRAÇA DA SAUDADE, NA CENTRALIDADE DE UM ESPAÇO DE DOMÍNIO TURÍSTICO COM A PRAÇA DO CONGRESSO E PRAÇA SÃO SEBASTIÃO	32
4.1 Praça da Saudade	32
4.2 Praça do Congresso	34
4.3 Praça São Sebastião	36
4.4 A Praça da Saudade: Diagnóstico das Condições do Ambiente	38
CONSIDERAÇÕES	56
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

No sentido de fomentar os estudos para o planejamento e ordenamento do espaço turístico em Manaus, este trabalho apresenta uma análise da estrutura turística ofertada na Praça 5 de Setembro (popularmente conhecida como Praça da Saudade) localizada no bairro Centro, zona Sul de Manaus, teve como objetivo apresentar uma análise das condições do ambiente da Praça, em seu entorno imediato. Quanto aos objetivos específicos buscou: i) apresentar os referenciais teóricos que fundamentam a análise diagnóstica; ii) discorrer sobre o histórico e características da Praça 5 de Setembro; iii) apresentar uma proposta de integração da Praça 5 de Setembro às Praças do Congresso e Praça São Sebastião.

Com o estudo, validou-se a hipótese de que a Praça 5 de Setembro devido ao abandono e apesar do seu potencial valor histórico, cultural e social; e proximidade com a Praça do Congresso e Praça São Sebastião, encontra-se ociosa e, por este motivo, coloca em situação de vulnerabilidade ao risco o usuário ou transeunte no local.

O trabalho baseia-se na teoria do espaço turístico urbano de Boullón (2002), e na proposta de Duarte (2007) para análise diagnóstica. O conceito de cidade se fundamenta em Souza (2003). Mota (2008) contribui para abordar sobre a função histórica das praças no contexto das cidades; e Mesquita (2019) e Duarte (2009) sobre o histórico da Praça da Saudade. Corrêa (2001), associado à contribuição de Mesquita (2006) e Batista (2013), permite caracterizar a evolução do urbano em Manaus e com base nos princípios e diretrizes do capítulo I do Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus (2014), se conclui a discussão.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa aplicada, qualitativa, de abordagem indutiva; método bibliográfico e estruturalista, com técnica de observação direta semi-estruturada com uso da matriz de análise macroambiental SWOT, para análise das fraquezas e oportunidades no quadrante da Praça 5 de Setembro.

Finda a pesquisa, se espera que os resultados contribuam para orientar ações necessárias pela gestão pública para a efetiva salvaguarda do patrimônio histórico

cultural, no qual se insere a Praça da Saudade. Com base no diagnóstico, a Praça apresenta infraestrutura turística que, se recuperada, e, incrementada com painéis informativos sobre o seu potencial histórico, junto a Praça do Congresso e Praça São Sebastião, consolidarão um potencial espaço de domínio turístico para eventos e lazer.

A Praça, cumprindo sua função, garantirá além da oferta de um espaço turístico, sobretudo, o registro da memória manauara, o resgate da história amazonense e, com esse conjunto de elementos, o residente amplia seu sentimento de pertencimento à cidade.

A estrutura deste estudo se divide em 04 capítulos. No primeiro se apresenta Manaus, como uma cidade no meio da floresta amazônica, discorrendo sobre seu processo de formação e evolução urbana, com base nos referenciais teóricos adotados. No segundo capítulo, se aborda a teoria do espaço turístico urbano, cujas categorias de análise área de influência visual e ponto focal, são base desta pesquisa. No terceiro, se apresenta a metodologia aplicada ao estudo. No quarto capítulo, como resultado da investigação, se apresenta a Praça da Saudade, como área potencial, na centralidade de um espaço de domínio turístico com a Praça do Congresso e Praça São Sebastião.

1 MANAUS: A CIDADE URBANA NO MEIO DA FLORESTA

1.1 Características históricas de Manaus

Manaus tem sua origem no século XVII, quando os portugueses, em busca de escravos indígenas, começaram a se apropriar da região amazônica. Criaram o primeiro povoado do Rio Negro, onde encontravam-se índios das mais diversas áreas da Amazônia. Posteriormente, segundo Martius (1975, p. 35, apud MESQUITA, 2006, p. 23) os portugueses se estabeleceram à margem esquerda do rio Negro e criaram um Destacamento de Resgate, que consistia em áreas onde soldados mantinham a segurança enquanto promoviam o tráfico de escravos indígenas. Por volta de 1669, foi erguido por eles um forte chamado de forte da Barra de São José do Rio Negro, onde em seu entorno se encontravam índios das tribos Baré, Banibás, Passés, Manáos, entre outros.

Até o final do século, o forte do Rio Negro possuía sua capital na vila de Barcelos e era descrito como “um reduto de pedra e barro” (FERREIRA, 1971, p. 576 apud MESQUITA, 2006, p. 24).

Porém, em 1791, o governador Manoel Lobo D’Almada, fez a transferência da sede do governo para a área onde se encontrava o forte (denominada Lugar da Barra). Esta transferência trouxe alguns avanços para a região como a construção de prédios públicos e estabelecimentos industriais. Porém, apesar disso, o governador do Grão-Pará, D. Francisco Coutinho, superior a D’Almada, com medo de perder o cargo para ele, ordenou que a capital fosse transferida novamente para Barcelos.

Apesar da simplicidade, o simbolismo da construção do forte foi inegável. Ele constatou um marco do domínio português na região do Rio Negro e a primeira construção com caráter europeu.

Na primeira metade do século XIX, d. Marco de Noronha e Brito, sucessor de Coutinho no governo do Grão-Pará, ordenou novamente a transferência da capital da capitania para o Lugar da Barra. Cerca de 3 mil pessoas habitavam a região e, apesar de algumas construções nobres, o local ainda era bastante simples.

Para atender ao Código Criminal promulgado pela Regência em 1832, o governo paraense dividiu em 1833 seu território em três comarcas: Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas. Além disso, o Lugar da Barra também foi promovido à vila, agora se chamando vila de Manaós (REIS, 1989, p. 167 apud Mesquita, 2006, p. 28).

Em 1838, após o período da cabanagem, movimento liderado por Eduardo Angelin que ia de encontro ao poder ilimitado que os portugueses utilizavam dentro da região amazônica, a vila de Manaós, ou vila da Barra como era conhecida na época, era descrita como um local mais estruturado com igrejas, pequenas ruas, uma praça e casas com cobertura de palha, além de um hospital militar (LADISLAU, 1939, p. 380 apud MESQUITA, 2006, p. 28).

No ano de 1948, a vila da Barra é promovida a cidade e passa a ser chamada de Cidade da Barra de São José do Rio Negro. Com a elevação da comarca à categoria de Província, no ano de 1850, a Cidade da Barra passa a se chamar cidade de Manaus em 04 de setembro de 1856, tendo enfim a sua independência do Estado do Grão-Pará. O nome Manaus advém da tribo indígena Manaós que habitava o local antes da chegada dos portugueses.

O período conhecido como período áureo da borracha em Manaus se iniciou entre os anos de 1892 e 1900, quando a cidade passou por grandes transformações visuais, teve melhoramentos em prédios urbanos e espaços públicos e particulares, caracterizando-se como a fase de Instalação.

A segunda parte do século XX ficou conhecida como a segunda fase chamada de Belle Époque, quando pode-se usufruir dos investimentos e melhoramentos que foram feitos no período anterior. A partir de 1910 foi possível notar os aspectos advindos da terceira fase chamada Decadência, quando o monopólio da borracha se perdeu diante da borracha asiática.

No processo de investimento no embelezamento da cidade, foi adotada a imagem de uma vitrine para Manaus, com equipamentos e estrutura que vendiam uma imagem de progresso e ambiente civilizado, com o real objetivo de atrair mão de obra e capital estrangeiro para a cidade.

Além disso, foram atendidas políticas de higienização e de circulação dentro da cidade, o que fez com que igarapés fossem aterrados, construções tivessem um

caráter europeu mesmo estando em uma realidade totalmente diferente e a cultura local fosse completamente ignorada e negligenciada.

A duração do período áureo da borracha foi bastante breve, pois ao mesmo tempo em que chegava em seu ápice iniciava-se a sua decadência. A desvalorização da borracha amazônica frente à produção de outros países foi um dos fatores primordiais para a decadência deste monopólio.

A crise da borracha durou até a década de 1960 quando a Zona Franca de Manaus foi estabelecida em 1967. Logo após o declínio do período áureo, Manaus e a Amazônia como um todo estavam estagnadas economicamente e socialmente.

A instalação da Zona Franca foi justificada como uma forma de atrair mão de obra e capital nacional e estrangeiro para repovoar a região, trazer condições melhores de vida e para o desenvolvimento socioeconômico.

A produção da borracha amazônica voltou a ocorrer quando, durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América se depararam com uma de suas matérias-primas (a borracha) estando sob o controle de inimigos. Isso fez com que o país tivesse que recorrer à borracha advinda da região amazônica e, em uma estratégia para que isso não fosse um evento isolado, o Brasil assinou os Acordos de Washington, onde os Estados Unidos assumiram o compromisso de financiar a chamada “batalha da borracha” enquanto o Brasil se comprometeu a produzir a borracha que seria exportada aos EUA.

A partir daí, o recrutamento de trabalhadores brasileiros mediante promessas de melhoria de vida tomou força. Segundo Barbosa (2013), a maioria deles veio do Nordeste, mais precisamente do Ceará, representavam cerca de 50% da mão de obra e na época ficaram conhecidos como soldados da borracha. Os acordos de Washington representavam a esperança de resolução da crise da borracha.

Apesar disso, a Amazônia acabou não se recuperando da crise e os trabalhadores também não obtiveram sua melhoria de vida. Posteriormente, os Estados Unidos e aliados venceram a Segunda Guerra Mundial e os acordos de Washington foram cancelados.

A crise socioeconômica da Amazônia continuou por cerca de cinquenta anos após o fim do ciclo da borracha. O processo de implementação da Zona Franca de Manaus tem início na iniciativa do deputado Francisco Pereira da Silva que propôs

no Projeto de Lei nº 1.310, de 23 de outubro de 1951, criação de um porto franco em Manaus. Posteriormente, este projeto foi alterado para a Lei nº 3.713, de 6 de junho de 1957, transformando o porto em Zona Franca de Manaus.

Apesar de sua regulamentação pelo Decreto nº 47.754, de 2 de fevereiro de 1960, a Zona Franca só foi realmente iniciada em 28 de fevereiro de 1967 através do Decreto-Lei nº 288 (SERÁFICO e SERÁFICO, 2005, p. 101 apud Barbosa, 2012, p. 5)

De acordo com o Decreto - Lei nº 288 de 28 de Fevereiro de 1967, a Zona Franca de Manaus consistia numa *“área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, que visava criar um centro industrial, comercial e agropecuário no interior da Amazônia criando condições econômicas que permitiriam seu desenvolvimento, mediante a complexidade da logística existente para que os produtos advindos dela cheguem aos seus consumidores”*.

A criação da Zona Franca conseguiu englobar os três setores da economia (primário, secundário e terciário), se tornando assim Política Brasileira de Desenvolvimento Socioeconômico Regional, atuando através do centro industrial denominado Polo Industrial de Manaus (PIM).

Apesar da criação de empregos, de renda e geração de desenvolvimento para a região Amazônica, torna-se perigoso deixar que, assim como a borracha, a economia amazônica gire em torno do Polo Industrial de Manaus. Nesse sentido, o turismo poderia ser uma fonte de renda complementar para o estado e para a região amazônica como um todo, fortalecendo principalmente as atividades do terceiro setor, movimentando a economia, gerando mais empregos e dando visibilidade para a Amazônia.

1.2 O conceito de cidade: características

Muito se discute a respeito do conceito de cidade e o que a caracteriza como cidade. Torna-se desafiador encontrar algo em comum entre as cidades da antiguidade, seculares e as cidades contemporâneas, modernas. Mas, apesar das diferenças, por possuírem uma sede administrativa, se tornam cidades.

Souza (2003) reúne aspectos econômicos, sociais, territoriais e espaciais para tentar explicar o que faz de uma cidade, de fato uma cidade. O autor afirma que

a cidade é, sob o ângulo do uso do solo, ou das atividades econômicas que a caracterizam, um espaço de produção não-agrícola (ou seja, manufatureira ou propriamente industrial) e de comércio e oferecimento de serviços. (SOUZA, 2003, p. 27).

Afirma que, também se deve levar em consideração os aspectos culturais e demográficos. Os aspectos culturais respondem pela troca e interação de interesses e valores entre habitantes e visitantes. Quanto aos aspectos demográfica, não basta achar que uma cidade pode ser definida pelo número de habitantes, ou diversidade econômica, ela é resultado de processos históricos e culturais ocorridos em escala temporal que, diretamente influenciam na dinâmica da cidade.

As atividades econômicas desenvolvidas dentro da cidade agrupam-se nos setores primário, secundário e terciário (SOUZA, 2003, p. 27). Porém, ao contrário do campo, as atividades primárias não são as realizadas com mais frequência. Nesse caso, a atividade secundária ocupa parte do território da cidade sendo caracterizada pelas indústrias e pela construção de vias públicas de acesso. A atividade terciária abrange o setor de serviços públicos ou privados (dentre eles, os serviços relacionados ao turismo) que interligam pessoas e seus interesses pessoais, comerciais e financeiros.

O crescimento desenfreado das cidades (advindo principalmente do êxodo rural) tornando-as metrópoles ou até megalópoles traz consigo a necessidade de ferramentas para o planejamento urbano e que auxiliem no ordenamento do espaço, proporcionando qualidade de vida ao ambiente e seus habitantes e fazendo-se cumprir as quatro funções da cidade, conforme Le Corbusier (1933): habitação, moradia, circulação e lazer.

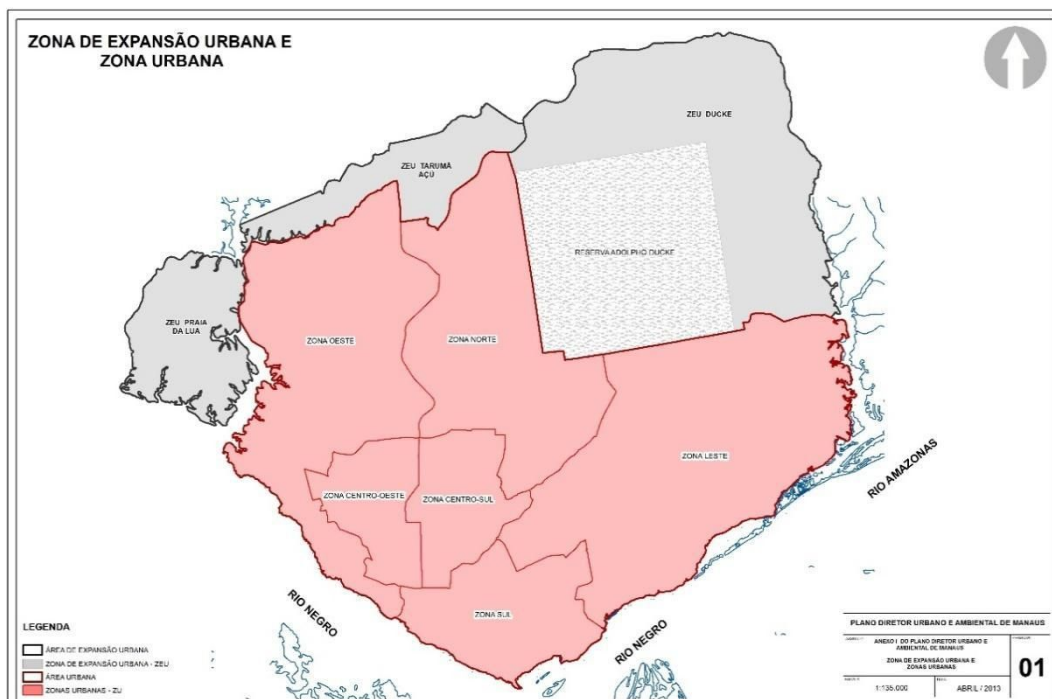
Manaus, a cidade na floresta, capital do estado do Amazonas se localizada à margem esquerda do Rio Negro com latitude de 03° 06' 07" S e longitude de 60° 01' 30" W, muito próxima à Linha do Equador, apresenta clima equatorial úmido. Conta com mais de 2,1 milhões de habitantes e possui uma área de 11.401,902 km², com área urbana de 427, 085 km², com 99% da população concentrada em área urbana.

Ao Sudeste, o rio Negro com sua confluência com o rio Solimões, forma o rio Amazonas, que atravessa o continente até encontrar o oceano Atlântico. A expressiva malha hídrica de Manaus deve-se às onze bacias hidrográficas. São elas: Bacia Boa Vista, Bacia Colônia, Bacia do Educandos, Bacia do Gigante, Bacia do Luizinho, Bacia da Orla Leste, Bacia da Orla Oeste, Bacia Puraquequara, Bacia São Raimundo, Bacia Tarumã e Bacia Tarumã Açú (BATISTA, 2013, p. 167).

De acordo com o Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus (2014), a zona urbana de Manaus possui seus limites territoriais banhados pelos rios Negro e Amazonas na margem esquerda. Atualmente administrada pelo prefeito Arthur Virgílio Neto (2017-2020), a cidade faz fronteira com os municípios de Presidente Figueiredo ao norte, os municípios de Careiro e Iranduba ao sul, Rio Preto da Eva e Itacoatiara ao leste e o município de Novo Airão a oeste.

De acordo com o Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus (2014, p.109), a cidade se divide em seis zonas urbanas: Sul, Leste, Oeste, Norte, Centro-Sul e Centro Oeste. E três Zonas de Expansão Urbana: Ducke, Tarumã-Açú e Praia da Lua, conforme figura a seguir.

Figura 01 – Zona de Expansão Urbana e Zona Urbana



Fonte: Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus (2014)

A zona Norte compreende os bairros: Novo Aleixo, Cidade Nova, Colônia Santo Antônio, Cidade de Deus, Novo Israel, Monte das Oliveiras, Colônia Terra Nova, Nova Cidade, Santa Etelvina e Lago Azul.

A zona Sul é formada pelos bairros Centro, Nossa Senhora Aparecida, Presidente Vargas, Praça 14 de Janeiro, Cachoeirinha, Raiz, São Francisco, Petrópolis, Japiim, Educandos, Morro da Liberdade, Santa Luzia, Betânia, São Lázaro, Crespo, Vila Buriti, Colônia Oliveira Machado e Distrito Industrial I.

A zona Leste é constituída pelos bairros Coroadó, São José, Zumbi dos Palmares, Armando Mendes, Tancredo Neves, Gilberto Mestrinho, Mauzinho, Colônia Antônio Aleixo, Jorge Teixeira, Distrito Industrial II e Puraquequara.

A zona Oeste abrange os bairros Glória, São Raimundo, Compensa, Santo Antônio, Santo Agostinho, Ponta Negra, São Jorge, Vila da Prata, Nova Esperança, Lírio do Vale, Tarumã e Tarumã-Açu.

A zona Centro-Sul compreende os bairros Nossa Senhora das Graças, Chapada, São Geraldo, Adrianópolis, Aleixo, Parque Dez e Flores.

Por fim, a zona Centro-Oeste é composta pelos bairros Alvorada, Redenção, Planalto, Dom Pedro e Da Paz.

De acordo com dados do IBGE (2010), 50% da população de Manaus, se concentram na **Zona norte**, com 501 055 habitantes e **Zona leste** com 447 946 habitantes, o que justifica as áreas das Zonas de Expansão Urbana, delimitadas para conter a expansão horizontal da cidade nas direções Norte e Leste, e otimizar a infraestrutura instalada na área urbana consolidada. A **Zona Sul**, com 286 488 habitantes; **Zona Oeste** com 253 589 habitantes; **Zona Centro-Oeste** com 152 753 habitantes, **Zona Centro-Sul** com 148 333 habitantes.

1.3 O conceito de urbano: características

O espaço urbano não se origina em apenas um aspecto nem depende de apenas um fator, ele nada mais é do que a soma de ações das pessoas que o habitam. CORRÊA (2001, p.145) afirma que o “espaço urbano é fragmentado e articulado, reflexo e condição social, campo simbólico e de lutas”.

É essencial analisar cada uma destas características individualmente para que se possa compreender como elas se apresentam na prática. No primeiro momento, o espaço urbano é fragmentado, pois fazem parte dele diferentes tipos de paisagens e usos do solo onde podem coexistir prédios e áreas verdes. Neste sentido, essa fragmentação pode ocorrer de diversas formas, geralmente caracterizada pela presença e proximidade de condomínios de luxo e favelas, áreas centrais e locais ermos, entre outros.

A fragmentação geralmente se dá também a partir de ações dos agentes que habitam e influenciam no desenvolvimento do espaço urbano. São eles: proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, Estado e grupos sociais excluídos.

Apesar de fragmentado, o espaço urbano é ao mesmo tempo articulado. Isso ocorre, pois todas as partes da cidade, por mais diferentes ou opostas que sejam, encontram-se interligadas, mantendo algum tipo de relação, seja ela de cunho pessoal, comercial, escolar etc.

Na prática ela pode se manifestar através do fluxo de pessoas e veículos desde o caminho ao trabalho diariamente, deslocamento de mercadorias e até mesmo a ida a um local de lazer e entretenimento. Na sociedade capitalista, essa articulação se dá em situações que envolvem salários, decisões comerciais e financeiras, investimentos, juros, taxas, rendas e afins.

Tendo um espaço urbano fragmentado e articulado ao mesmo tempo e decorrente de processos espaciais desencadeados pelos seus agentes, é possível constatar que ele representa um reflexo da sociedade. Esse reflexo está presente nas residências onde ocorre a segregação entre condomínios de luxo e periferias e onde, no dia a dia, as classes divergentes que habitam essas residências, circulam e interagem entre si. Vale ressaltar que o reflexo de uma sociedade não é originado apenas pelo presente, mas por processos históricos que moldaram e continuam moldando o espaço urbano.

O espaço urbano também se caracteriza como um condicionante social, pois as relações estabelecidas nele pelos agentes também influenciam nas oportunidades e condições de produção que podem surgir posteriormente para determinados grupos de indivíduos.

Neste contexto, pode-se existir uma relação de comercialização entre empresas do mesmo segmento com o objetivo de complementaridade dentro da produção, coincidindo com a continuidade dela. No caso das residências (fator reflexivo do *status* social e financeiro do cidadão), a segregação criada por elas, muitas vezes acaba influenciando no *status*, escolaridade e poder aquisitivo dos seus habitantes. Nesse sentido, CORRÊA (2001, p. 150) complementa que “os bairros, lugares de residência, são os locais de reprodução dos diversos grupos sociais.”

Fazem parte do espaço urbano os grupos sociais, que divergem ou convergem de acordo com suas crenças, valores, gostos, conflitos, além do convívio cotidiano que pode ou não ser construído com base nestes fatores. Dessa forma, o espaço urbano caracteriza-se também como campo simbólico formado por diferentes classes, grupos étnicos e afins.

A fragmentação que caracteriza o espaço urbano geralmente está ligada ao poder aquisitivo de seus habitantes, onde quem possui renda alta pode ocupar espaços mais seguros e cômodos e quem não possui uma renda considerável não consegue usufruir das facilidades que a cidade oferta.

Essa divergência criada pela fragmentação coincide em conflitos que desencadeiam a criação dos movimentos sociais, que defendem causas e pautas específicas com o objetivo de trazer visibilidade e garantia de direitos a determinados grupos sociais, sendo assim, o espaço urbano se torna também campo de lutas.

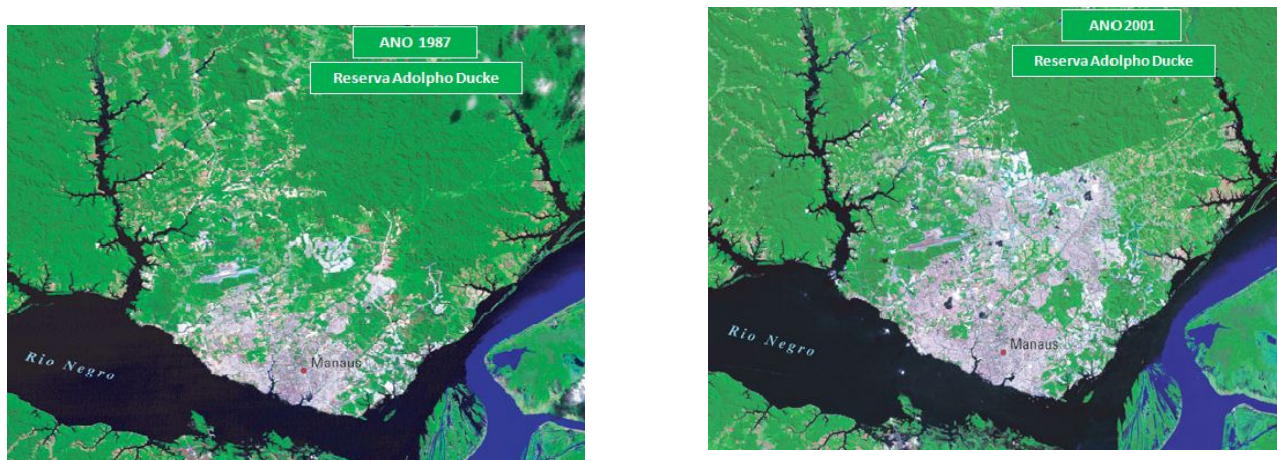
Fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, campo simbólico e de lutas, o espaço urbano avança de acordo com as ações de seus agentes, se tornando também cada vez mais complexo para a vivência deles.

Em Manaus não seria diferente, essa complexidade se apresenta desde a segregação que ocorre no âmbito das residências e bairros, até mesmo a discrepância que existe na paisagem onde prédios históricos e modernos se encontram lado a lado no ambiente urbano.

Devido ao seu histórico de ocupação e urbanização acelerada por conta do período áureo da borracha e, posteriormente, o modelo econômico da Zona Franca de Manaus, que demandaram alta quantidade de mão de obra, a utilização do

espaço da cidade e até mesmo de áreas de preservação permanente, ou espaços verdes ocorreu de forma desgovernada, com representativo desmatamento, como se observa nas imagens a seguir, entre o período de 1987 a 2001.

Figura 02 – Manaus: Mancha Urbana – Ano 1987 - 2001



Fonte: Batista (2013)

Essa expansão populacional e territorial desencadeia o que CORRÊA (1997) define como processos espaciais que nada mais são do que as diferentes formas como os habitantes se relacionam entre si e com o ambiente em que se encontram (a cidade), influenciando direta e indiretamente no processo de evolução do urbano. Este processo, na lógica do uso do solo urbano, em efeito radial concêntrico, determina na cidade, áreas de centralidade, em geral o centro histórico e comercial; áreas de descentralização, em geral onde se localizam as indústrias; áreas de coesão, caracterizadas pelo uso homogêneo do espaço, com exemplo, concentração de shoppings, hotéis, entre outros; área de segregação, podendo ser por moradias de alto padrão, em condomínios fechados; ou, áreas de ocupações informais em espaços sem infraestrutura urbanística; áreas de invasão-sucessão, caracterizadas pelos espaços periurbanos, limite entre a zona urbana e rural; e áreas de inércia, onde o solo especulado, em um momento próximo, dará lugar à expansão urbana da cidade¹.

¹ Notas de aula da professora Selma Batista, disciplina Planejamento Urbanístico, ano de 2018.

A partir desta ocupação imediata e desenfreada, algumas zonas da cidade como Norte e Leste se expandiram não apenas com o número de moradias como também, com a oferta de redes de produtos e serviços. Esta lógica, ao criar novas centralidades na dimensão da cidade, faz com que, por vezes, o residente perdendo a noção espacial do todo, vai perdendo seus laços afetivos com a história e a memória da cidade.

2 A TEORIA DO ESPAÇO TURÍSTICO URBANO

Segundo Boullón (2002), o espaço turístico é formado por quatro elementos imprescindíveis: o atrativo turístico em si considerado a matéria-prima do turismo, a infraestrutura como pavimentação e serviços de rede elétrica e de esgoto, os equipamentos como centros de informações turísticas e os serviços como locadoras de veículos, hotéis, agências de turismo, entre outros.

Para tratar sobre a teoria do espaço turístico urbano, torna-se imprescindível ter em mente quais os elementos que dão acessibilidade ao turista para que ele possa explorar e conhecer uma cidade. Boullón (2002, p. 248) chama estes elementos de “áreas gravitacionais”. São elas: as estações terminais dos sistemas de transportes, as zonas de concentração do empreendimento turístico e de outros serviços urbanos, os atrativos turísticos urbanos e as saídas para estradas que conduzem aos atrativos turísticos e ruas que conectam os atrativos entre si e com as zonas de concentração do empreendimento turístico e estações terminais.

Nas estações terminais podem estar incluídas áreas rodoviárias, fluviais, ferroviárias, marítimas, assim como edifícios de equipamento de apoio em seu entorno como restaurantes, meios de hospedagem, pontos de táxi e pontos de ônibus.

As zonas de concentração do empreendimento turístico geralmente se situam nos centros históricos onde possuem preferencialmente hotéis, bares, restaurantes, agências de viagens, casas de câmbio, cinemas, teatros, galerias de artes etc.

Os atrativos turísticos urbanos podem estar localizados tanto no centro histórico como também nas periferias e áreas afastadas do centro. Certo é que eles possuem determinado fluxo turístico, seja ele em menor ou maior escala.

Quanto às saídas para estradas e ruas que conectam os atrativos turísticos com as demais áreas já citadas, é de relevância que este percurso percorrido pelo turista proporcione uma paisagem atraente, não apenas um caminho pelo qual o turista atravessa para poder chegar a um atrativo e somente então seu interesse será novamente despertado.

Para que estes elementos sejam verdadeiramente interligados, é de suma importância a delimitação do espaço turístico urbano e seu planejamento, para que não só turistas como também residentes possam usufruir e se apropriar dos atrativos e serviços turísticos.

Nesse sentido, Boullón (2002, p. 251) afirma que para planejar o espaço turístico urbano, o ideal seria primeiramente a delimitação e estudo da área potencialmente turística. Isto poderia ocorrer através do diagnóstico, identificando e mapeando todos os atrativos e tipos de serviços presentes na área. Além disso, as leis em todas as suas escalas (municipal, estadual e federal) devem caminhar em conjunto e a fiscalização ser realizada com frequência, assegurando o bom andamento das atividades relacionadas ao turismo.

Além do diagnóstico, imprescindível para o planejamento, é primordial definir o espaço de domínio dos atrativos turísticos, pois ele implica diretamente desde o acesso até o marketing do atrativo. Boullón (2002, p. 252) menciona sobre o espaço de domínio: “restam muitos atrativos urbanos, alguns deles das mais altas hierarquias, que atualmente se encontram cercados por edifícios com valor estético nulo e ameaçados pela construção de outros, cada vez mais altos e com menos qualidade, que irão contribuir para alterar ainda mais o ambiente que os cerca.” Edifícios com valor estético, histórico e cultural estando cercados por outros modernos, funcionais, práticos, acabam perdendo um pouco do seu valor e visibilidade, pois existe uma quebra na visão do espaço, colocando até mesmo em risco toda a expectativa do visitante. Para tentar contornar esta situação, o autor apresenta algumas técnicas para concretização do espaço de domínio turístico, a partir da delimitação da área de influência visual e dos pontos focais, para a compreensão da organização do espaço de interesse turístico.

2.1 A Área de Influência Visual e os Pontos Focais

Para compreender a organização do espaço de interesse turístico, uma das técnicas apresentadas por Boullón (2002), consiste em determinar a área de influência visual a partir da análise dos pontos de vista: próximos e diretos, próximos e interrompidos, distantes e interrompidos e distantes e próximos. Com esta técnica pode-se identificar qual edifício tem uma maior visibilidade e qual não possui nenhuma, podendo trabalhá-los para aumentar o seu índice de visitação.

Entre o ambiente natural e urbano, o indivíduo geralmente reconhece com mais facilidade o urbano, pois este foi criado por ele, com edificações, monumentos, avenidas e afins. Segundo Boullón (2002), para se conhecer uma grande cidade torna-se necessário analisar quatro categorias: o tamanho, o traçado, a topografia e o tipo de arquitetura. Como cada cidade tem suas particularidades, algumas delas fáceis de interpretar e outras difíceis, torna-se imprescindível um sistema de informações para o visitante, fazendo com que ele crie familiaridade com os elementos da cidade de forma simples e rápida.

Para conseguir se localizar pela cidade existem os chamados pontos focais urbanos que, de acordo com Boullón (2002, p. 196), são: logradouros, bairros, setores, bordas, roteiros e marcos. O autor define cada um deles começando pelos logradouros que são "espaços abertos ou cobertos de uso público, em que o turista pode entrar e percorrer livremente".

Os bairros são "seções da cidade relativamente grandes, nas quais o turista pode entrar e se deslocar". Existem alguns bairros nas cidades que possuem fluxo turístico por conta dos seus atrativos. Neste sentido, Boullón (2002, p. 205) afirma que os bairros que não fazem partes dos espaços turísticos são utilizados como meios de acesso para *city tours*. Porém, caso não exista a ampliação do olhar quanto aos atrativos turísticos, é provável que haja apenas um fluxo para um determinado bairro (utilizando um bairro adjacente como meio de acesso) quando neste bairro secundário podem existir atrativos de mesma relevância, porém ainda ignorados.

Os setores "são partes da cidade substancialmente menores que os bairros, mas que têm as mesmas características destes." Boullón (2002, p. 206) afirma ainda que "do ponto de vista turístico os setores são muito importantes porque, se forem valorizados, podem servir para mostrar como foi, um dia, uma cidade ou um povoado em sua etapa de máximo esplendor arquitetônico."

As bordas são "elementos lineares que marcam o limite entre duas partes da cidade. Uma borda é um elemento fronteiroço que separa bairros diferentes, quebra a continuidade de um espaço homogêneo ou define os extremos ou margens de partes da cidade".

Já os roteiros são "vias de circulação selecionadas pelo trânsito turístico de veículos e de pedestres, em seus deslocamentos para visitar os atrativos turísticos e para entrar ou sair da cidade."

Por fim, os marcos são "objetos, artefatos urbanos ou edifícios que, pela dimensão ou qualidade da sua forma, destacam-se do resto e atuam como pontos de referência exteriores ao observador".

Dentro desse conceito, se encaixa o objeto deste trabalho: as praças e parques, que, apesar de também serem definidos como logradouros, se caracterizam como marcos, pois possuem elementos como estátuas, edifícios ou outros elementos que fazem parte da história da cidade e são reconhecidos por seus habitantes e, posteriormente, passam a ser reconhecidos pelos visitantes.

Quanto ao reconhecimento de elementos da paisagem de uma cidade, pode-se também trazer à tona o conceito de áreas funcionais turísticas de Hayllar, Griffin, Edwards, Aldrigui (2011). Os autores afirmam que as áreas funcionais turísticas costumam ser frequentadas tanto por residentes quanto por visitantes, possuem estrutura turística de eficientes e acessíveis e geralmente são segmentadas, possuindo também um fluxo turístico relevante.

Segundo Griffin, Hayllar, Edwards, Aldrigui (2011) as áreas funcionais turísticas são caracterizadas por diferentes funções. São elas: funções facilitadoras, que dispõem de infraestrutura básica para o acesso e permanência do visitante como segurança, acessibilidade, iluminação e afins; funções externas ou de fortalecimento de vínculo, que possuem atrações ou elementos que fazem com que o visitante tenham contato com a história e o perfil da cidade que ele está visitando,

para que a autenticidade da cidade seja apresentada; por fim, as funções internas ou estado de espírito consistem nada mais do que a forma como as experiências vividas na cidade fazem o visitante se sentir, a oportunidade de estar em locais onde o turista pode trocar vivências e conhecimentos com os residentes pode incrementar a percepção dele sobre o local visitado e as áreas funcionais turísticas são capazes de proporcionar isso.

Além de promover a integração entre visitantes e moradores, as áreas funcionais turísticas também podem movimentar a economia local, gerando estabelecimentos e empregos e trazendo renda para a população residente.

Um fator um tanto perigoso quanto às áreas funcionais turísticas é que, ao mesmo tempo em que elas trazem à cidade uma nova opção de lazer, entretenimento e geração de renda, a introdução de diversas facilidades pode fazê-la se descaracterizar em relação aos aspectos históricos e culturais que ela dispõe.

Outro fator preocupante é a possibilidade de formação das chamadas “bolhas turísticas”, locais construídos e segmentados para o turismo de massa, oferecendo uma infraestrutura de qualidade, porém oferecendo uma paisagem construída, quase caricata da cidade visitada (HAYLLAR, GRIFFIN, EDWARDS, ALDRIGUI, 2011).

Quanto à experiência turística, HAYLLAR, GRIFFIN, EDWARDS, ALDRIGUI (2011, p. 2) afirmam que

o turismo, tanto na perspectiva da oferta quanto na da demanda, não se distribui de maneira uniforme e continua pela cidade; antes, concentram-se em regiões geográficas relativamente pequenas e bem distintas os – *precints* ou áreas funcionais – e a experiência do turista é a de deslocar-se entre essas áreas, em busca dos destaques da cidade.

Nesse sentido, tanto Boullón (2002) como Hayllar, Griffin, Edwards, Aldrigui (2011), concordam com a ideia de que praças e parques podem, se planejado, compor parte de uma área funcional turística tendo em vista a existência de um, logradouro, setor, bairro ou outro ponto focal que permita ser reconhecida por seus visitantes quanto ao aspecto histórico cultural e, por uma estrutura necessária para sua valorização, enquanto espaço de visitação.

2.2 A praça como um ponto focal

Antes de serem caracterizadas, para fins de planejamento do espaço turístico urbano, como logradouros, setores ou marcos, primeiramente as praças devem ser vistas pelo observador como espaços dotados de valor histórico cultural, lazer ou área verde importante para a qualidade do ambiente da cidade.

Atento ao valor histórico-cultural, Mota (2008) descreve o histórico de função da praça desde a idade média até os dias atuais e, neste contexto, conclui que a praça tem perdido a sua principal característica: ser um espaço público de expressão do povo.

Mota (2008) afirma que apesar do conservadorismo da época, no fim da idade média e início do renascimento a praça ainda era conhecida como um local de expressividade da população e onde todos eram comuns. Porém pouco tempo depois surgiram os jardins públicos, espaços criados pelas pessoas de poder aquisitivo mais alto onde havia regras de conduta e onde a presença só era permitida mediante um *status* social elevado, algo que ia de encontro ao que acontecia na praça, levando a uma separação na sociedade em relação a classe e *status* social.

Com novos espaços de convívio, a praça sofre uma evasão, e o local, antes de expressão cultural, festividades e lazer se torna vazio, abandonado e conseqüentemente esquecido pela população e pelo poder público. Diante das reflexões de Mota (2008), define-se a praça como lugar público que deve ser ocupado pelas pessoas, e que acima de tudo consiste em um ambiente de liberdade de expressão.

Pacheco e Batista (2018) identificaram 94 praças em ambiente urbano de Manaus. Destas, 35% localizadas na zona Sul da cidade, das quais, selecionou-se para a análise, como potencial espaço de domínio turístico a Praça da Saudade. A escolha para a análise diagnóstica, ao adotar a metodologia de Boullón (2002), permitiu identificar, como marco, por si só o potencial desta praça; mas, quando se aplicou a metodologia da área de influência visual, foi possível identificar a praça no

contexto do espaço de domínio turístico, agregando-a à Praça do Congresso, de hierarquia regional; e Praça São Sebastião, de hierarquia internacional. E sobre este tema se abordará após o capítulo dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

3 METODOLOGIA APLICADA

3.1 Processos metodológicos teóricos e práticos

Quanto à classificação, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa e qualitativa, pois busca enumerar as praças da zona Sul de Manaus e, mediante seleção da Praça da Saudade com base em seu potencial turístico, analisar a sua estrutura e seus equipamentos disponibilizados aos visitantes. Consiste em uma pesquisa descritiva, expondo o potencial turístico e as atuais condições deste espaço público.

Possui abordagem indutiva, com o método bibliográfico buscou-se primeiramente a pesquisa e leitura de obras e estudos antecedentes para aprendizado de conceitos e metodologias apresentados neste trabalho. Além disso, com o método de procedimento estruturalista buscou-se identificar dentro da estrutura urbana da cidade, a localização da praça em relação ao potencial turístico do seu entorno.

A metodologia da pesquisa de campo se baseia em Boullón (2002) com os conceitos de área de influência visual e ponto focal, para se identificar a área de domínio turístico, para fins do planejamento da atividade turística. Também se adotou a metodologia diagnóstica, sugerida por Duarte (2007) com os conceitos de inventário, diagnóstico e prognóstico, a fim de se obter resultados consistentes e confiáveis.

Boullón (2002) ressalta primeiramente a importância da delimitação do espaço turístico, o estudo da oferta de serviços turísticos e não-turísticos dentro da área que se deseja trabalhar. A análise dessas categorias e o inventário são capazes de auxiliar no levantamento e análise qualitativa.

Em cidades que crescem de forma desgovernada, a probabilidade que construções históricas e modernas acabem ficando muito próximas uma da outra é bastante alta. Essa realidade faz com que o prédio histórico perca parte do seu valor arquitetônico, pois com um prédio moderno próximo a ele, ocorre a quebra da paisagem e, conseqüentemente, da expectativa do turista que visita aquela área. Como ilustra Boullón (2002, p. 252)

[...] do mesmo modo que uma árvore magnífica perde valor estético se estiver cercada por uma lixeira; um edifício, uma igreja ou um

monumento diminuem sua beleza se o espaço que os circunda não se harmoniza com sua arquitetura e sua escala.

O autor propõe algumas técnicas para que o espaço de domínio seja investigado. O primeiro passo é determinar a área de influência visual, partindo da análise dos pontos de vistas que podem ser adotados pelo planejador. Esses pontos de vista podem ser: distantes e diretos, onde é preciso fazer a sua definição e marcar a área que eles atravessam; distantes e interrompidos por edifícios ou artefatos urbanos, tratando-se de uma situação impossível de reverter e onde se aconselha não inserir o atrativo em questão dos roteiros, mapas e guias turísticos.

Caso os pontos sejam próximos, se torna mais fácil, sendo necessário apenas analisar os trechos de acesso que o turista percorrerá até o atrativo. No caso dos próximos e diretos, não existem prédios que quebrem a paisagem observada pelo turista; e no caso dos próximos e interrompidos por postes de iluminação, cartazes, estacionamentos e afins é necessário analisar cada um e estudar a possibilidade de substituição deles por outro com uma qualidade maior ou a sua eliminação. Boullón (2002) afirma ainda que o trabalho de campo para se estudar as formas de acesso aos atrativos auxilia na determinação do que o autor chama de ambiente dos pontos focais urbanos. Analisando a presença espacial e o ambiente dos atrativos e pontos focais urbanos, pode-se chegar ao espaço de domínio de cada um deles.

Para analisar e planejar o espaço turístico é necessário traçar objetivos que especifiquem o porquê daquele trabalho estar sendo feito. Além disso, é preciso também do recorte da realidade a ser trabalhada, assim como a reunião de recursos pessoais, materiais, financeiros e afins para que o planejamento possa ocorrer de forma equilibrada.

O planejamento possui etapas e, segundo Duarte (2007), elas consistem em: diagnóstico, no qual se utiliza como instrumento o inventário; o prognóstico; as propostas; e a gestão urbana.

O diagnóstico consiste na

[...] análise de uma situação, compondo um cenário da realidade existente. Desse modo, toda análise depende de dados disponíveis ou a serem coletados. Portanto, consideramos o inventário parte integrante do processo de diagnóstico. Isso porque no diagnóstico há uma intenção já definida, mesmo que subjacente". (DUARTE 2013, p. 25).

Sendo assim, o diagnóstico propõe uma interpretação e entendimento maior de dados previamente coletados a partir do chamado inventário. Não se realizou, nesta pesquisa, um inventário, mas um levantamento da oferta de equipamentos e serviços no local, com uso da Matriz de Análise Macroambiental – SWOT.

Com a ajuda da Matriz SWOT, realizou-se o diagnóstico, com dados e interpretação sobre a realidade da área estudada e, em seguida, como sugere o autor, uma proposição ou prognóstico, deve ser elaborado.

Com o prognóstico, os problemas identificados, mediante um planejamento fundamentado em propostas claras e pertinentes ao que foi levantado, pode contribuir para minimizar ou eliminar o cenário indesejado.

Com propostas concisas, caberá à gestão pública, viabilizar o cenário possível e desejável, de modo a garantir que a cidade cumpra com as suas funções sociais e com o pleno desenvolvimento urbano.

Com base nas contribuições de Boullón (2002) e Duarte (2007), foi possível analisar a estrutura turística da Praça 5 de Setembro no contexto da área na qual está inserida, com encaminhamentos para o uso adequado no âmbito da atividade turística.

4 A PRAÇA DA SAUDADE, NA CENTRALIDADE DE UM ESPAÇO DE DOMÍNIO TURÍSTICO COM A PRAÇA DO CONGRESSO E PRAÇA SÃO SEBASTIÃO

4.1 Praça da Saudade

A origem da praça ainda é muito discutida, porém, de acordo com Mesquita (2019), um texto promocional durante a gestão do prefeito Manoel Ribeiro em 1986 afirma que a praça foi aberta em 1865 e a tentativa de oficializar seu nome veio a partir de iniciativa do vereador David Vasconcellos Canavarro, na Câmara Municipal em 1867.

Figura 03 – Praça da Saudade



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>. Acesso em 05 Mar 2019

No ano de 1893, a praça já aparecia nos mapas como Praça Cinco de Setembro e estendia-se desde o novo Palácio do Governo (atual Instituto de Educação do Amazonas – IEA) até a Avenida Epaminondas, onde ainda não existiam as residências hoje presentes ao lado do IEA até a rua Ferreira Pena (MESQUITA, 2009).

Na época, Eduardo Ribeiro traçava planos para melhoramentos na região da praça, pretendendo embelezar e regularizar a sua área. No ano de 1897, seu sucessor, Fileto Ferreira, propôs um projeto paisagístico em torno do novo Palácio do Governo, que englobava a Praça Cinco de Setembro, o Cemitério São José e parte de um terreno atrás do Palácio, que ainda se encontrava em construção.

Ferreira deu prosseguimento ao projeto e no ano seguinte, segundo ele, a Comissão de Saneamento com o objetivo de facilitar o trânsito naquela área decidiu bifurcar a Avenida Eduardo Ribeiro e os terrenos para o andamento do projeto já estavam desapropriados. O governador dizia que em pouco tempo Manaus teria um espaço de lazer condizente com a sua grandeza, porém que isso dependeria do repasse de verbas do governo federal.

Mesquita (2019) aponta que entre as décadas de 1930 e 1960, as fotografias mostravam a praça com a área delimitada com um desenho retangular e seu traçado caracterizava-se por um grande círculo onde, através de oito passeios, faziam ligações a outro círculo no centro que abrigava o monumento em homenagem a Tenreiro Aranha. A praça passou por algumas modificações, porém nada que agregasse de fato em sua estrutura turística e não-turística.

Quanto à arborização, as imagens mais antigas da praça sempre a mostraram com pouca arborização, tendo apenas os caramanchões com algumas plantas e pequenas árvores. Apenas nas décadas de 1960 e 1970 houve registro de algumas árvores de maior porte na praça, algumas chamadas de fruta-de-cachorro. Possuíam este nome, pois seus frutos eram utilizados pelas crianças como bola de futebol para brincadeiras.

A década de 1960 contou com a primeira grande reforma na Praça 5 de Setembro. Sob gestão de José Claudio de Souza, o traçado original da praça foi alterado, o calçamento foi trocado e a praça recebeu uma fonte que ficava no centro de uma piscina em formato retangular localizada próximo à Rua Ferreira Pena. Além da fonte, foram instalados nesta piscina dois monumentos revestidos em bronze apoiados em um suporte revestido em azulejo. Um deles remetia à figura de um homem das cavernas enquanto a outra segurava uma bola em uma das mãos e apontava para o monumento de Tenreiro Aranha ao centro da praça (MESQUITA, 2019).

Na década de 1970, a praça teve mais uma reforma influente, agora durante a gestão de Jorge Teixeira. Esta reforma substituiu o traçado e calçamento da praça e reduziu a arborização. Foi instalado um avião na praça e construído um pequeno anfiteatro. Na década de 1980, já na gestão de Manoel Ribeiro, foram feitas novas mudanças na praça. Desta vez, houve o resgate de dois caramanchões e a fonte foi substituída por um jogo de iluminações. Recentemente as esculturas foram recolhidas ao Museu da Cidade de Manaus.

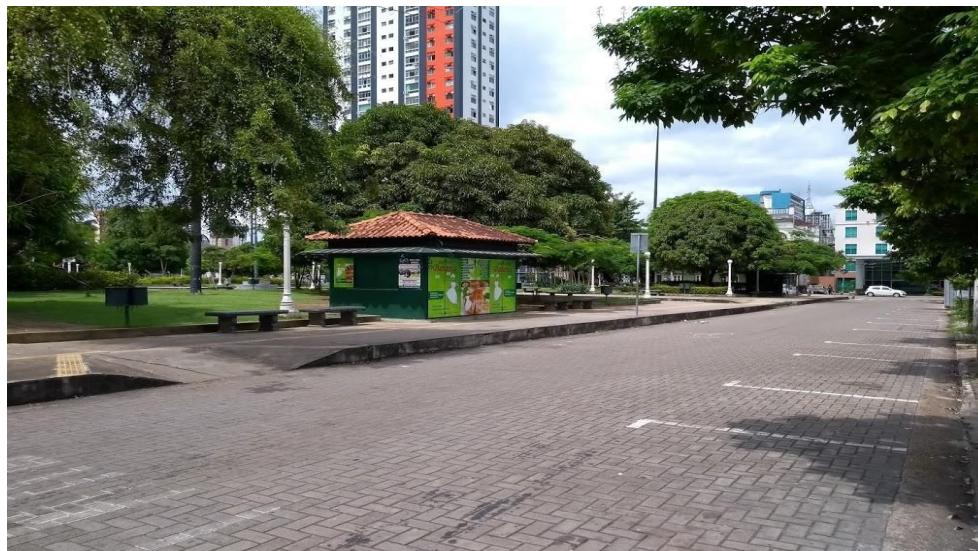
Mesquita (2019) afirma ainda que após os anos 2000, a praça foi inserida em um grande projeto de revitalização chamado Centro Vivo desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Manaus. Esta revitalização buscou recuperar as características originais da praça, retirando a fonte com as duas esculturas e excluindo a existência de comércios que vendiam alimentos e opções de lazer para crianças, dentre elas alguns parques que funcionavam aos fins de semana. Apesar da introdução mudas para vegetação em torno dos caramanchões e alguns arbustos em toda a área da praça, foi notória a diminuição da arborização no local.

Ao reabrir o espaço ao uso público, a utilização dos parques ficou restringida e isso criou uma evasão e falta de outras atividades na praça, dando espaço para a insegurança devido aos usos indevidos que têm ocorrido na praça desde então.

4.2 Praça do Congresso

Criada em 1876 por meio da Lei 353 assinada pelo Presidente da Província em exercício, Gabriel Antônio Ribeiro Guimarães, onde ele mencionava a construção da Praça da Princesa Imperial, situada entre as ruas Ramos Ferreira, rua Monsenhor Coutinho, rua Tapajós e Avenida Eduardo Ribeiro.

Figura 04 – Praça do Congresso



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

De acordo com Duarte (2009), a praça recebeu o nome oficial de Antônio Bittencourt por meio da Lei 515 de 21 de agosto de 1908 publicada pelo superintendente municipal Domingos José de Andrade em homenagem ao então governador Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt.

Em 1911, por ordem do prefeito Joaquim Sarmiento, a praça foi arborizada com árvores figueiras-benjamin e pavimentada. Em 1928, o presidente do Estado, Ephigênio de Salles através do Decreto 166 autorizou os gestores municipais que alinhasssem a praça às devidas proporções com a avenida Eduardo Ribeiro, o que delimitou a área deste terreno até os dias atuais. Quanto à parte do terreno presente na rua Tápajós, foi doada à Santa Casa de Misericórdia que anos depois construiu prédios que foram vendidos visando a compra de recursos para as obras da instituição (DUARTE, 2009).

Duarte (2009) afirma que após 1934, a praça começou a ser chamada popularmente de Praça da Saúde, pois próximo a ela foi construída a sede do Departamento de Saúde Pública do Estado. Posteriormente, na década de 1960, este prédio foi demolido e em seu lugar foi construído o prédio dos Correios, que permanece até hoje no entorno da praça. A praça passou por uma reforma em 1935 visando melhorias na sua estrutura. Foram construídos quatro gramados nas laterais da praça, quatro passeios, assim como foi implantada arborização e iluminação elétrica.

Ficou popularmente conhecida como Praça do Congresso, pois, em 1942, recebeu o 1º Congresso Eucarístico Diocesano, maior evento religioso daquela época. Neste evento, também foi inaugurado o monumento em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Amazonas (DUARTE, 2009).

A praça conta com prédios históricos ao seu redor como as escolas Instituto Benjamin Constant e Instituto de Educação do Amazonas (IEA), o Ideal Clube que hoje abriga um teatro e oferece cursos de dança e música e a Biblioteca Municipal João Bosco Evangelista que hoje encontra-se em reforma.

Além disso, a praça possui três quiosques em bom estado e utilizados como comércio sendo uma banca de revistas, um sebo e uma lanchonete. Atualmente está sob gestão da SEC (Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas) e recebe manutenção diária pela prefeitura e limpeza dos arbustos por empresas terceirizadas. Possui uma espécie de museu à céu aberto onde, por meio de uma placa informativa, pode-se descobrir que Manaus foi uma das primeiras cidades a receber energia elétrica no país.

Além desta placa e do monumento de Nossa Senhora da Conceição, a praça do Congresso possui mais duas placas informativas. Uma falando sobre Antônio Bittencourt que governou o Estado do Amazonas entre 1908 e 1912 e outra falando sobre Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas de 1890 a 1896 e importante figura pública responsável pela ordem de construção de diversos prédios históricos na cidade.

A praça atualmente possui um fluxo médio por conta das instituições de ensino no seu entorno e semanalmente é utilizada por residentes para práticas de exercícios físicos e ioga. Pelo fato de possuir manutenção e serviço de segurança diária, além de maior oferta de serviços ao seu redor, pode-se argumentar que este seja o motivo para a praça receber mais visitação.

4.3 Praça São Sebastião

Inicialmente propriedade do tenente-coronel Antônio Lopes Braga e posteriormente doada ao município, a Praça São Sebastião refere-se à Irmandade de São Sebastião formada por missionários franciscanos que se estabeleceram na

cidade a partir de 1859 (DUARTE, 2009). Conforme Duarte (2009) afirma, o ponto inicial de criação desta praça ocorreu em 1867, quando o diretor de Obras Públicas, Antônio Davi de Vasconcelos Canavarro, solicitou a instalação de um monumento em forma de coluna no centro do logradouro em homenagem à abertura dos portos do Amazonas aos demais países.

Figura 05 – Praça São Sebastião



Fonte: https://www.acritica.com/uploads/news/image/455402/show_1.jpg Acesso em Mai 2019

Apesar da construção do monumento, as obras para mudanças na área só começaram após 1896, porém apenas no final do século XIX, o governador José Cardoso Ramalho Júnior ordenou algumas obras para o embelezamento do entorno do já construído Teatro Amazonas, localizado em frente a este logradouro.

Duarte (2009) afirma que em 1899, foi assinado por Antônio Augusto Duarte o contrato junto à Diretoria de Obras Públicas para que fosse construído o calçamento da praça e de todo o seu entorno e ruas próximas, incluindo a Rua Dez de Julho e José Clemente. O chão da praça foi calçado com pedras portuguesas pretas e brancas, formando um desenho em formato de ondas e nas extremidades foram colocados paralelepípedos de asfalto. Neste mesmo período, a coluna construída em homenagem à abertura dos portos foi substituída por um monumento feito pelo artista italiano Domenico de Angelis, que permanece na praça até os dias atuais.

Em 1915, foram plantadas mudas de árvores figueiras-benjamin em todo o entorno da praça e em 1920 recebeu bancos de madeira com armação de ferro que depois foram substituídos por bancos de concreto. Em 1925, foi instalado um coreto onde havia apresentações semanais das bandas militares. (DUARTE, 2009)

Duarte (2009) descreve ainda sobre as reformas que aconteceram na Praça São Sebastião durante o tempo. Em 1974, ocorreu uma recuperação total no local, por ordem do prefeito Frank Lima através da Secretaria de Obras e Serviços Urbanos. Nesta reforma, manteve-se o formato retangular da praça com cantos arredondados formados pelas árvores já crescidas. Na década de 90, a praça passou por mais duas reformas, na primeira houve a recuperação do chão com desenho em formato de ondas, recuperação do monumento à Abertura dos Portos e as lâmpadas dos postes foram substituídas por outras a base de vapor de sódio de cor laranja. A segunda reforma trouxe a limpeza do monumento e a reposição do calçamento com pedras vindas de Belo Horizonte – MG. Nos anos 2000, a praça recebeu mais uma reforma, dessa vez com a recuperação do calçamento e a retirada de grades que ficavam ao redor do monumento à Abertura dos Portos, que foi colocado em 1995.

Atualmente, a Praça São Sebastião é integrante do Centro Cultural Largo São Sebastião, complexo que é formado pelo Teatro Amazonas, pela Casa Ivete Ibiapina, pelo Bar do Armando, pela Casa das Artes e complementando a oferta de serviços, pelos demais bares, restaurantes, meios de hospedagem, lojas de artesanato e galerias de arte.

Conhecida internacionalmente e frequentada por turistas de diversos países e também por residentes, a praça se tornou um marco no cotidiano manauara, palco de eventos semanais que trazem fluxo à região do complexo e geram emprego e renda aos estabelecimentos que ali se encontram.

4.4 A Praça da Saudade: Diagnóstico das Condições do Ambiente

Com base na metodologia de análise sugerida por Duarte (2007), realizou-se, com base na observação semi-estruturada, o diagnóstico das potencialidades e fragilidades dos quadrantes delimitados, a partir das ruas Rua Ferreira Pena, Rua Simão Bolívar, Rua Ramos Ferreira e Avenida Epaminondas, conforme figura a seguir.

Figura 06 – Quadrantes da Praça da Saudade para Diagnóstico



Fonte: Google Earth, Acesso em 2 Jun 2019

Considerou-se como ambiente externo o limite da calçada da Praça em relação ao limite da calçada do outro lado da rua que estava sendo analisada. E ambiente interno, o limite da calçada da Praça em relação ao seu interior.

O primeiro quadrante compreende a Rua Ferreira Pena, em relação ao quarteirão da Praça da Saudade. Quanto aos elementos do ambiente externos identificou-se usos diferenciados pelas edificações. Majoritariamente, os estabelecimentos são utilizados para comércio formal e para residências. Em frente aos prédios encontram-se árvores distribuídas, sendo 11 no total delas, onde pode-se observar que em relação aos aspectos externos a rua apresenta significativa arborização, vagas destinadas a veículos pequenos, acessibilidade com semáforo sonoro e rampas para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Além disso, a pavimentação da via e a sinalização horizontal (faixas de pedestres) encontra-se em bom estado.

Na data da pesquisa de campo, notou-se a presença de um comércio informal na calçada da Rua Ferreira Pena, o que apesar de acessível, ao mesmo tempo atrapalha o fluxo de pessoas e modifica a paisagem.

Figura 07 – Comércio informal na Rua Ferreira Pena



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019.

No ambiente interno da praça, existe pouca vegetação, visto que os pergolados que existem em seu entorno não são totalmente cobertos por árvores como deveria ser. Na parte de cima de muitos pergolados, existem vãos que fazem com que a luz solar entre e produza maior sensação de calor indo de encontro à função primordial do mesmo: produzir sombra para os transeuntes.

Os pontos fracos existentes são as pichações que estão espalhadas pela praça inteira, incluindo o monumento em homenagem a Tenreiro Aranha localizado no centro da praça. Além disso, o calçamento irregular e a falta de manutenção também são notórios nesta parte do quadrante do local.

Figura 08 – Calçamento irregular na Praça da Saudade



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Outro fator que acaba afastando os visitantes são os moradores de rua que utilizam a área da praça como moradia e os usuários de drogas que utilizam o espaço para consumo e/ou comercialização. Isso inibe a presença de pessoas em determinados pontos da praça, provocando até mesmo uma evasão.

Figura 09 – Moradores de rua na Praça da Saudade



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Esta parte do quadrante da praça possui elementos oportunos para o segmento turístico como o comércio formal, a arborização presente tanto no ambiente externo quanto no ambiente interno, a sinalização horizontal presente nas faixas de pedestre e acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida com a presença de quatro rampas.

Com base na observação do quadrante, inseriu-se na tabela a seguir, as variáveis identificadas.

QUADRANTE 1 – Rua Ferreira Pena		
	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE INTERNO	Existência de pergolado Existência de iluminação diferenciada Existência de bancos Monumento Histórico de Tenreiro Aranha	Pouca vegetação Pergolados não cobertos por trepadeiras Pergolados não cumprem com sua função Calçamento irregular Falta de manutenção na iluminação e jardins Pichações no monumento Pichações nos pilares
	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
AMBIENTE EXTERNO	Usos diferenciados Arborização Vagas para veículos pequenos Acessibilidade com semáforos Rampas para pessoas com deficiência Pavimentação em bom estado	Comércio informal na esquina com a Ramos Ferreira, compromete a paisagem Falta de segurança

	Faixas de pedestre em bom estado	
	Fonte: Campo realizado em maio de 2019	

O segundo quadrante, extensão da Rua Simão Bolívar, em relação à Praça da Saudade, possui uma série de prédios históricos e modernos com usos distintos. Logo na esquina com a rua Ferreira Pena, encontramos um prédio histórico azul com estilo arquitetônico mourisco, caracterizado por diversas torres, cúpulas e pelos arcos em formato de ferradura. O prédio já foi residência do presidente do banco do Amazonas, Carlos de Figueiredo e em 2014 também sediou a ESMAM (Escola Superior de Magistratura do Amazonas) (AUGUSTO, 2014).

Figura 10 – Palacete Mourisco localizado na4 esquina das ruas Simão Bolívar e Ferreira Pena



Fonte: <http://historiante.blogspot.com> Acesso em Abr 2018

Logo ao lado deste prédio histórico, encontram-se estabelecimentos comerciais, uma escola de música, uma igreja, residências, um hotel e uma sucessão de bares que nos últimos dois anos tiveram um maior fluxo de clientes

devido aos estudantes que frequentam universidades na região do bairro Centro. A Rua Simão Bolívar se caracteriza como de uso majoritariamente comercial onde os bares e os vendedores ambulantes dividem espaço durante a noite, buscando atrair clientes e, de certa forma, caracterizando a área como boêmia.

Apesar de atualmente se encontrar com pouco movimento noturno nos bares, esta parte do quadrante da praça possui elementos fortes como sinalização (placas e faixa de pedestre), paradas destinadas a ônibus público e paradas destinadas a ônibus de turismo e possui um caramanchão suportado por pilares.

Elementos oportunos encontrados nesta rua foram o hotel Belíssimo, oferta de meio de hospedagem para possíveis visitantes, a escola de música utilizada por alunos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pois também gera fluxo de pessoas e demanda segurança no espaço onde se encontra, além das residências que sugerem que seus moradores, desde longa data, habitam aqueles locais.

Porém, os pontos fracos da rua são as diversas pichações presentes nos pilares dos caramanchões e placas de sinalização, a falta de vegetação visto que assim como na rua Ferreira Pena, o caramanchão da rua Simão Bolívar não é totalmente coberto por vegetação, o que acaba mantendo a sensação de calor.

Além disso, o movimento noturno dos bares e os diferentes gêneros musicais tocados neles em volume alto acabam descaracterizando a paisagem, visto que eles estão lado a lado de residências e produzem poluição sonora tanto para os moradores das casas próximas quanto para os transeuntes.

Figura 11 – Bares e residências lado a lado na Rua Simão Bolívar



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019.

Figura 12 – Bares lado a lado na Rua Simão Bolívar



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019.

O comércio informal na parte do dia e principalmente na parte da noite descaracteriza o ambiente, uma vez que os quiosques da praça poderiam ser utilizados para ofertar serviços e produtos aos visitantes.

Na figura abaixo se pode observar o uso indevido do pergolado da Rua Simão Bolívar onde um comércio informal utiliza uma lona junto a ele para servir de proteção do sol.

Figura 13 – Comércio informal na rua Simão Bolívar



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 14 – Cabine telefônica pichada



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Na Rua Simão Bolívar, próximo à parada de ônibus coletivos, existe um posto policial, destinado para que a segurança dos frequentadores da praça seja garantida. Porém, este posto nunca foi utilizado e atualmente se encontra servindo de depósito de materiais para os vendedores ambulantes da praça.

Figura 15 – Posto policial vazio na Rua Simão Bolívar



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

O quiosque da rua Simão Bolívar, apesar de se caracterizar como comércio formal, apresenta via de escoamento irregular onde, os dejetos do quiosque são despejados na parte de trás e comprometem parte do gramado da praça.

Figura 16 – Via de escoamento irregular do quiosque da Rua Simão Bolívar



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Na figura a seguir, pode-se notar vários elementos da paisagem que demonstram o mal uso e falta de manutenção da praça.

Apesar de receber limpeza diária através da Secretaria Municipal de Limpeza Pública (SEMULSP), os sacos das lixeiras não são recolhidos e substituídos por novos e o gramado da praça se encontra por fazer.

Pode-se notar também a lona azul utilizada pelo comércio informal para proteger as pessoas da luz do sol. Na parte de baixo da imagem, encontra-se um celular no chão que estava sendo carregado através de fios conectados de forma irregular à fiação pública. Esta prática passou a ser bastante utilizada pelos vendedores ambulantes que começaram a atuar na praça principalmente no período noturno.

À direita, estão o pergolado sem vegetação para a sua cobertura, os pilares pichados e as lixeiras sem manutenção.

Figura 17 – Elementos da paisagem demonstram complexidade no uso do espaço público



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Apesar de tão complexa onde bares e residências dividem espaço, a área da rua Simão Bolívar poderia ser melhor utilizada não extinguindo os bares, porém criando uma rede de serviços turísticos regularizados que pudessem oferecer segurança e bom atendimento aos visitantes e sem produzir poluição sonora, algo comum observado nesta parte do quadrante da praça.

Com base na observação do quadrante, inseriu-se na tabela a seguir, as variáveis identificadas.

QUADRANTE 2 – Rua Simão Bolívar		
	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE INTERNO	Tipos de comércios variados Existência de pergolado Ponto de ônibus coletivo público Ponto de ônibus de turismo	Placas e pilares pichados Pergolados não cobertos por trepadeiras Presença de comércio informal Uso indevido dos quiosques Bancos quebrados Falta de manutenção

	Existência de sinalização de trânsito	Mal uso evidente do espaço público Posto destinado ao policiamento encontra-se vazio
	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
AMBIENTE EXTERNO	Presença de escola e residências indicando demanda de segurança Existência de meio de hospedagem (hotel) Arborização Vagas para veículos Rampas para pessoas com deficiência	Tipo de comércio noturno incompatível com o ambiente Falta de segurança
	Fonte: Campo realizado em maio de 2019	

O terceiro quadrante refere-se à Avenida Epaminondas, ela é a parte da praça com menor índice de pichações, sendo também a única parte onde o pergolado encontra-se totalmente coberto pela vegetação da forma como deveria ser nas outras ruas.

Os pontos fracos observados foram a acessibilidade falha pois a rampa presente na rua encontra-se distante da faixa de pedestre, dificultando que uma pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida consiga atravessar de forma segura. Além disso, a iluminação especial localizada no chão da parte interna dos pergolados encontra-se sem manutenção e tem sido utilizada como lixeira. O comércio informal na parada de ônibus presente na Avenida Epaminondas também sugere um sentimento de insegurança para os usuários.

Esta parte do quadrante poderia ser melhor utilizada, pois abrange o Rio Negro Clube, que um dia integrou a área do cemitério São José e hoje abriga o clube que promove eventos semanalmente, porém sem nenhum equipamento externo que identifique e informe o marco histórico que ele representa.

Figura 18 – Falta de manutenção em árvore na Avenida Epaminondas



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 19 – Iluminação especial utilizada como lixeira



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

A figura a seguir mostra uma pichação encontrada em um dos pilares na Avenida Epaminondas que diz “Na compra de uma cerveja, o tiro é grátis”. Esta frase representa alguns assassinatos e tiroteios ocorridos na praça motivados por

acerto de contas referentes ao tráfico de drogas e brigas entre facções de Manaus. Situações como esta chocam os visitantes que estão conhecendo aquele local e afastam cada vez mais as pessoas que, um dia, frequentaram a praça.

Figura 20 – Pichação “Na compra de uma cerveja, o tiro é grátis” em um pilar na Avenida Epaminondas



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Com base na observação do quadrante, inseriu-se na tabela a seguir, as variáveis identificadas.

QUADRANTE 3 – Avenida Epaminondas		
	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE INTERNO	Sombreamento Existência de pergolado Área com menor índice de pichação Existência de sinalização de trânsito	Falta de manutenção nos jardins e nas trepadeiras Calçamento irregular Iluminação especial usada como lixeira Presença de comércio informal Rampa para pessoas com deficiência distante da faixa de pedestre
	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
AMBIENTE EXTERNO	Resgate do ambiente cultural a partir da existência do Rio Negro Clube Parada de ônibus com boa estrutura, porém não ordenada	Uso indevido da parada de ônibus para comércio informal Falta de segurança Ausência de semáforo
	Fonte: Campo realizado em maio de 2019	

Finalizando o quadrante da Praça da Saudade, a Rua Ramos Ferreira caracteriza-se como de uso majoritariamente comercial compreendido por bares, lanchonetes, um hotel, dois centros de estudos e uma agência bancária.

Foi possível observar que ela é a rua mais arborizada do quadrante, contendo 29 árvores no total. Além disso, possui acessibilidade com rampas e faixas de pedestre, sinalização com placas de trânsito e sinalização de ciclovias (apesar de um tanto apagada). Esta parte do quadrante conta com dois quiosques, porém o uso

deles é totalmente distinto, enquanto um encontra-se funcionando normalmente como lanchonete o outro encontra-se abandonado e com sua estrutura deteriorada colocando em risco a área da praça e as pessoas que passam por ali.

Nesta parte do quadrante também foi possível observar o pergolado com falhas na cobertura e com seus pilares pichados, além de uma placa que se encontrava tampada por um saco plástico sem motivo aparente. A área da Rua Ramos Ferreira foi a única onde foi possível notar a presença da iluminação especial intacta.

Os elementos oportunos nesta rua são a rede de comércios que se estende por toda a rua, que se ordenada, poderia facilmente atender de forma segmentada os turistas ao mesmo tempo em que atende os residentes. Além disso, a presença dos centros de estudo demanda a existência de segurança no local.

Figura 21 – Pergolado com falhas na cobertura na rua Ramos Ferreira



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 22 – Placa de trânsito tampada com saco plástico



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 23 – Quiosque abandonado e deteriorado na rua Ramos Ferreira



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 24 – Detalhe da deterioração de quiosque



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 25 – Sinalização de ciclovia apagada



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Figura 26 – Quiosque funcionando de forma regular



Fonte: PACHECO, Andreza, 2019

Com base na observação do quadrante, inseriu-se na tabela a seguir, as variáveis identificadas.

QUADRANTE 4 – Rua Ramos Ferreira		
	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE INTERNO	Arborização Presença de quiosque funcionando de forma correta Existência de sinalização de trânsito Tipos de comércios variados	Pergolado não coberto por trepadeiras Pichações nos pilares Falta de manutenção Presença de quiosque deteriorado e abandonado
	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
AMBIENTE EXTERNO	Presença de empreendimento bancário agregando valor e indicando nobreza ao ambiente	Existência de quiosque informal Falta de segurança

	<p>Arborização</p> <p>Iluminação boa</p> <p>Rampas para pessoas com deficiência</p> <p>Existência de semáforo sonoro</p> <p>Presença de faixas de pedestre</p> <p>Existência de centros de estudos indicando demanda de segurança</p>	
		Fonte: Campo realizado em maio de 2019

PRAÇA DA SAUDE – ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES		
	FORÇAS	FRAQUEZAS
AMBIENTE INTERNO	<p>Monumento de Tenreiro Aranha</p> <p>Pergolado</p> <p>Bancos, quiosques e pontos de ônibus</p> <p>Sinalização de trânsito</p> <p>Rampas para pessoas com deficiência</p> <p>Paisagismo</p> <p>Posto destinado ao policiamento</p>	<p>Ausência de segurança no posto</p> <p>Calçamento irregular</p> <p>Pichações nos pilares e no monumento</p> <p>Pergolado não coberto por trepadeiras</p> <p>Falta de manutenção nos equipamentos, jardins e iluminação espacial</p> <p>Quiosque caindo - Quiosque fechado</p> <p>Descarte irregular das águas servidas do quiosque irregular</p> <p>Moradores de rua ocupando bancos</p> <p>Uso indevido do espaço pelo comércio informal</p>
	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS

<p>AMBIENTE EXTERNO</p>	<p>Diferentes usos Prédios históricos como Rio Negro Clube Arborização Vaga para veículos Parada para ônibus de turismo Rampas para pessoas com deficiência Faixas de pedestre Pavimentação em bom estado</p>	<p>Diferentes usos Comércio informal Falta de policiamento Iluminação sem manutenção Ponto de ônibus da Avenida Epaminondas sem manutenção Falta de semáforo na Avenida Epaminondas Falta de fiscalização</p>
<p>Fonte: Campo realizado em maio de 2019</p>		

Após o diagnóstico por quadrante, se levantou as variáveis que se repetiram concluindo que entre os principais pontos positivos identificados tem-se a existência de pergolado e a existência de sinalização de trânsito, além da arborização, de rampas para pessoas com deficiência e da presença de faixas de pedestre.

Entre os pontos negativos, há necessidade de intervenção para solução dos problemas como calçamento irregular, pichações nos pilares, pergolado não coberto por trepadeiras, além da presença de comércio informal. A falta de segurança também foi notória em toda a extensão da praça e de seu entorno, sendo um dos principais fatores de evasão deste espaço público.

CONSIDERAÇÕES

Como discente do curso de Turismo, a pesquisa agregou na expansão do sentimento de pertencimento em relação a Manaus, visto que a Praça da Saudade fez parte de diversos momentos da minha vida, desde a infância na época em que a praça possuía pequenos parques de diversão; posteriormente já na época acadêmica, quando se caracterizava como um ambiente de lazer e entretenimento devido aos bares, restaurantes e lanchonetes em seu entorno; até os dias atuais onde ainda se faz presente no meu cotidiano, porém por conta do crescente abandono que ela tem sofrido, com o passar dos meses afirmo com tristeza que fui aos poucos deixando de ser usuária do ambiente da praça, passando a ser apenas uma transeunte.

Uma vez palco de eventos históricos e de lazer para a população manauara, torna-se difícil acreditar que as praças de Manaus se tornaram locais cada vez mais vazios, abandonados e inseguros. A Praça da Saudade, apesar de possuir um potencial gigantesco tendo em vista sua memória social, atualmente não é tratada pela gestão pública como um potencial produto turístico.

Analisando o quadrante da Praça da Saudade foi possível concluir que o a falta de segurança, notória em toda sua extensão e seu entorno é um dos principais fatores que afastam os visitantes. Além disso, o calçamento irregular, as pichações nos pilares e no monumento de Tenreiro Aranha, os pergolados em sua maioria não cobertos por vegetação adequada e a presença de comércio informal diurno e noturno foram os aspectos negativos observados com mais frequência.

Foi possível observar também quanto aos aspectos positivos a existência de pergolado nos quatro quadrantes da praça, a existência de sinalização de trânsito, além da arborização, de rampas para pessoas com deficiência e da presença de faixas de pedestre. Estes fatores, unidos a uma manutenção frequente e outros equipamentos turísticos como painéis informativos poderiam oferecer uma melhor estrutura para receber visitantes.

Tendo em vista que a Praça da Saudade possui elevado valor para a história amazonense, mais do que um mero logradouro, é possível observar a própria praça

como um marco histórico para a cidade, estando presente no cotidiano de muitas pessoas a partir do momento que elas reconhecem marcos como a estátua de Tenreiro Aranha e o Atlético Rio Negro Clube, apesar de nem todas terem noção de toda a história que este espaço e esses elementos carregam.

Com a intenção de integrar a Praça da Saudade à Praça do Congresso e à Praça São Sebastião por meio de um circuito turístico, espera-se que este trabalho possa servir de instrumento para que, junto aos órgãos de gestão pública, seja possível primeiramente apresentar as atuais condições deste logradouro e promover o uso devido este espaço público.

Espera-se também que esta monografia sirva de referência para futuros trabalhos sobre planejamento turístico em Manaus, fomentando o estudo sobre os espaços públicos que a cidade possui e a forma como eles poderiam ser melhor utilizados, caso fossem planejados de maneira adequada. Atualmente, existe um potencial turístico gigantesco nestes espaços, principalmente voltado para eventos e a implantação de roteiros abordando o turismo pedagógico. Dessa forma, seria fomentado o fluxo de pessoas e a valorização do patrimônio e, conseqüentemente, promovendo o sentimento de pertencimento por parte dos residentes.

Por fim, uma vez inserida em um circuito turístico junto à Praça do Congresso e à Praça São Sebastião, regionalmente e internacionalmente conhecidas, conclui-se que poderia ser criado um espaço de domínio turístico e a Praça da Saudade poderia sair das atuais condições nas quais se encontra e voltar a ser um espaço de lazer e convívio social, sendo reconhecida e estimada novamente pela população manauara.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Fabio. **Palácios, Palacetes, Castelos e Castelinhos de Manaus**. Disponível em <http://historiante.blogspot.com/2018/10/palacios-palacetes-castelos-e.html> Acesso em 12 Mai 2019

BARBOSA, Evandro Brandão. **Zona Franca de Manaus**: política brasileira de desenvolvimento socioeconômico regional. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, nº 184, 2013. Disponível em <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/13/zona-franca-manaus.html>> Acesso em 22 Abr 2019.

BATISTA, Selma Paula. **Injustiça Socioambiental: O CASO PROSAMIM**. 2013. 287 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Parques e Áreas Verdes**. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/item/8051.html>> Acesso em 02 Nov 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano: Notas Teóricas-Metodológicas. In: *Trajetórias Geográficas*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DUARTE, Durango Martins. **Manaus entre o passado e o presente**. 1 ed. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009. DUARTE, Fábio. **Planejamento urbano**. Curitiba: Ibpex, 2007. 199p.

HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D. Turismo em Áreas Urbanas: Compreendendo o Campo de Estudo. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em Cidades: Espaços Urbanos, Lugares Turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MANAUS. Lei Complementar dispõe sobre o PLANO DIRETOR URBANO E AMBIENTAL DE MANAUS, em atendimento ao disposto no artigo 182 da Constituição Federal, nos artigos 39 a 42-B da Lei Federal no 10.257, de 10 de julho de 201, Estatuto da Cidade, e nos artigos 227 e 228 da Lei Orgânica do Município de Manaus. Disponível em: <<http://www.cmm.am.gov.br>> Acesso: 09. Nov. 2017.

MAYMONE, Marco Antonio de Alencar. **Parques Urbanos – Origens, conceitos, projetos, legislação e custos de implantação**. Estudo de Caso: Parque das Nações Indígenas de Campo Grande, MS. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Ambientais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: história e arquitetura (1669-1915)**. 4 ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

MOTA, Vanderlan Santos. **Espaços Públicos de Lazer em Manaus**. Manaus: Editora Valer, 2008.

PACHECO, Andreza Silva; BATISTA, Selma Paula Maciel. **Praças da Zona Sul de Manaus: Marcos Históricos com Potencial Turístico**. 2018. 5f. Relatório Final de Projeto de Iniciação Científica. – Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 192p.

SPIROU, Costas, A evolução da área funcional do turismo. In: HAYLLAR, B.; GRIFFIN, T.; EDWARDS, D.; ALDRIGUI, M. **Turismo em Cidades: Espaços Urbanos, Lugares Turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.